

RETRATO DE MARIA ADÉLIA

Chegou a primavera às paredes centenárias do Instituto dos Advogados Brasileiros.

Entre carrancas, carecas, longas barbas e bigodões de vetustos juristas nasce a flor mulher. Rosa, dália, lírio, crisântemo, margarida, begônia, bogaris e resedás. É a primavera que chegou também na memória fotográfica dos 166 anos do Instituto.

Aqui estamos para inaugurar a imagem que ilumina este Instituto por mais que o sol e as luzes estejam brilhando.

Hoje, neste primeiro dia de primavera, vamos entronizar no altar do direito a imagem de nossa primeira presidente Maria Adélia Campelo.

Fundado em 1843, só em 1906 o IAB recebeu em seus quadros, reformando negativa anterior, a primeira advogada brasileira: Myrthes Gomes de Campos.

O futuro custou a chegar, mas agora tivemos a glória e a honra da primeira advogada presidente – Maria Adélia.

E hoje trazemos sua imagem para iluminar a galeria que se iniciou com Montezuma. E estar ao lado de Ruy, Teixeira de Freitas, Nabuco de Araújo, Clóvis Beviláqua, Pedro Lessa, Pontes de Miranda, todos com olhos voltados para a figura que chega irradiando brilho, esplendor e interrogação.

Nas noites e madrugadas desta sala, quando os calendários deixam de existir e o tempo não corre mais, estas figuras centenárias, usando negras vestes talares, conversam numa linguagem própria de advogados de outros tempos, como se estivessem numa antiga sala dos passos perdidos, num tribunal perdido nas nuvens do tempo passado.

Quem sabe dessas tertúlias é a figura mágica da Dama de Preto que nessas horas perdidas se insinua por este teto, por estas paredes, pelas mesas e cadeiras deste auditório e consegue ouvir pequenas palavras, algumas perguntas e exclamações. Por momentos, fica sentada em uma dessas cadeiras e ouve comentários sobre a nova figura que vai chegar para compor esse plenário presente na sala e perdido no tempo.

Conta a Dama de Preto que um velho advogado oitocentista chegou a tirar o pince-nez e perguntou “Quem é Maria Adélia?”

Houve muitas respostas. Alguém lembrou da entrada de Myrthes Gomes de Campos ainda outro dia, em 1906, quando estava na direção do Instituto. Outro lembrou que as mulheres já haviam conquistado o direito de voto, aliás, com apoio do Instituto.

A Dama de Negro ouviu muitas outras conversas e perguntas, mas se perdeu no tempo e sumiu nas madrugadas. Mas me contou o que ouviu.

A luta pelos direitos das mulheres existiu desde sempre. Passou por todas as épocas, pelas lutas das mulheres lideradas por Lisístrata, na criação imortal de Aristófanes, e até os dias de nossa geração.

Basta lembrar Simone de Beauvoir a imortal autora do “Segundo Sexo”, obra que marcou o século XX, e arrastou os jovens estudantes do CACO, principalmente as moças, para ouvi-la numa conferência no ISEB, o Instituto Superior de Estudos Brasileiros, depois fechado pela ditadura, quando lá esteve em companhia de Sartre e

Jorge Amado. E ainda agora sua obra está lembrada com um grande sucesso teatral de Fernanda Montenegro.

E também não pode ser esquecida, das memórias da segunda metade do século passado, quem tanto fez pela liberdade da mulher e por todas as liberdades e deixou sua memória marcada nos corações de todos os que viveram aqueles tempos.

Leila para sempre Diniz, como ficou imortalizada nas palavras de Carlos Drumond de Andrade:

“Leila para sempre Diniz, feliz na lembrança gravada: moça que sem discurso nem requerimento soltou as mulheres de 20 anos presas no tronco de uma especial escravidão.”

Leila contra a escravidão da mulher, Leila contra a ditadura.

Quando morreu tragicamente em um acidente aéreo seu corpo veio desde a Índia trazido por Marcelo Cerqueira e no cemitério estávamos todos nós e o Celso Soares e uma multidão aplaudindo a figura da liberdade.

A mulher sempre lutou pelos seus direitos, mas também lutou todas as lutas do mundo.

Quando na segunda guerra mundial o Brasil mandou sua Força Expedicionária para combater o nazi-fascismo, na qual havia um corpo de enfermagem, logo surgiu uma marchinha carnavalesca de grande sucesso, que proclamava para o mundo:

“Nós seremos enfermeiras e se for preciso manejamos o canhão.”

E a cada dia novos direitos são conquistados. Ainda agora, em agosto passado, o Comitê Olímpico Internacional, reunido em Berlim, resolveu admitir nas Olimpíadas o “box feminino”. Uma vitória por nocaute.

Maria Adélia na Presidência do IAB foi um grande momento da liberdade da mulher e da advogada. Foi um momento de continuação daquele momento de 1906 e também da continuação de toda a vida e a história.

Mas foi também uma gestão que muito engrandeceu o IAB, que criou o Centro de Estudos e Pesquisas, restabeleceu a publicação da Revista do IAB, criou o Projeto Memória/IAB, manteve o pleno funcionamento de seus órgãos e criou o Colégio de Presidentes dos Institutos de Advogados.

Tudo isso, além do permanente trabalho político de fortalecimento do estado de direito, diretamente ou em permanente aliança com a Ordem dos Advogados do Brasil.

Gê Acaiaba Montezuma, reúna os nossos presidentes do século XIX e do século XX e todos abram alas para receber a primeira presidente advogada – Maria Adélia.

Como cantou o poeta Chico Buarque, depois que ela chegou

“A lua cheia que vivia escondida surgiu.”

Humberto Jansen Machado, Orador Oficial do IAB, Discurso proferido na ocasião da Inauguração do Retrato da Doutora Maria Adélia Campello, Plenário do IAB em 23/09/2009.